

O grupo no Digai-Maré e a função do clínico

6.1

Digai...Maré

O Digai Maré é um dispositivo de atendimento clínico, em grupo, orientado pela psicanálise, tal qual a teoria freudiana e sua releitura por Jacques Lacan. Criado há seis anos, O Digai funciona dentro do Complexo da Maré¹, na comunidade de Nova Holanda², uma dentre as dezesseis que lá compartilham território. Nosso grupo é formado por clínicos, estagiários, e supervisores, todos vinculados à Escola Brasileira de Psicanálise. O atendimento é gratuito e de portas abertas.

O projeto sempre foi norteado pela pesquisa de atendimento em grupo. Para resguardar seu cunho investigativo, o Digai-Maré conta com grupos de discussão clínico-teóricas quinzenais com todos os práticos que lá trabalham; além de reuniões semanais de apresentação e discussão de casos; e por último uma reunião geral mensal na qual participam todos os membros que atuam no projeto.

Além da Escola Brasileira de Psicanálise, o Digai ainda possui importantes parcerias tais como a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro que encaminha estagiários ao projeto; e a REDES³, Ong responsável por grande parte dos encaminhamentos feitos ao dispositivo.

¹O **Complexo da Maré**, ou **Maré** é um bairro na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Foi desmembrado de Bonsucesso pela Lei Municipal nº. 2.119 de 19 de janeiro de 1994, e constitui-se num agrupamento de vários sub-bairros com casas e conjuntos habitacionais. Com mais de 130 mil moradores (2006) constitui o maior complexo de favelas do Rio de Janeiro.

² Construída pelo poder público na década de 1960, a Nova Holanda foi concebida como um Centro de Habitação Provisório (CHP) destinado aos moradores de morros do Rio que foram demolidos para a ampliação da cidade. Os seus primeiros moradores chegaram em 1962, oriundos da remoção da Favela do Esqueleto (atual campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), da Praia do Pinto, do Morro da Formiga, do Morro do Querosene e das margens do Rio Faria Timbó, sob a coordenação da Fundação Leão XIII, que controlava tanto o processo de remoção quanto o gerenciamento dos CHPs.

³A **Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes)** é uma organização da sociedade civil que atua no Complexo da Maré procurando estabelecer uma rede articulada entre as 16 comunidades do

Nossos grupos de atendimento são operados segundo a lógica do *cartel*⁴. Para tanto recebemos quatro pessoas por grupo. Este possui como exigência de funcionamento, além da quantidade de participantes, suas faixas etárias, dividindo-se em grupos de crianças, adolescentes e adultos. O clínico busca ser o *mais-* um⁵ do grupo. Ele age facilitando e provocando a realização de uma tarefa - único ponto em comum entre os membros do grupo. A tarefa não é designada à priori, nem circunscrita por um sintoma, como nos grupos monossintomáticos⁶. A tarefa é “somente” *falar*.

Ainda que respaldado pela teoria do cartel, o trabalho de grupo vai na contramão da proposta psicanalítica que surge e se formaliza no atendimento de um. Além disso, o atendimento é gratuito, e nós bem sabemos a importância do dinheiro (Freud, [1913]) na operação analítica. E, ainda, para completar a nossa precariedade, a oferta tem tempo limitado. Por isso podemos afirmar que a prática que exercemos no Digaí-Maré não é acompanhada por algumas importantes balizas preventivas que tanto nos alertou Freud em seus primeiros escritos (Ibid.).

Contudo, dadas as dificuldades, o Digaí-Maré ocupa hoje na comunidade um lugar para nós privilegiado, para onde se endereça o estranho. Anteriormente as demandas eram institucionais. Atualmente, o dispositivo recebe além dos pedidos encaminhados pelas escolas, serviços públicos de saúde e Ongs da região, muitas demandas espontâneas. A este último fato, atribuímos o reconhecimento do Digaí como um espaço diferenciado das diversas ofertas assistencialistas⁷ que cercam a comunidade e todo o Complexo da Maré. Nossa aposta é de outra ordem. Os clínicos do Digaí-Maré oferecem escuta para o mal entendido, o sofrimento inexplicável que não se esgota na justificativa da precariedade do território, ou ainda, na violência obscena que se verifica diariamente no local. A ausência do estado como instituição protetiva, punitiva e mantenedora dos direitos

território, promovendo atividades, cursos, e ações amplas com intuito de diminuir as desigualdades.

⁴ A aposta “estranha” e inovadora do projeto Digaí-Maré é supor que o cartel possa ser um artifício clínico. Ver em GROVA, Tatiane; MACHADO, Ondina; LUTTERBACH-HOLK, Ana L. & VIEIRA, Marcus A. *Psicanálise na favela: o projeto Digaí-Maré e a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro, 2008.

⁵ Idem

⁶ Grupos caracterizados por um único sintoma, como por exemplo, os *Alcoólicos Anônimos*, *Narcóticos Anônimos* etc.

⁷ Não estamos aqui subestimando as ações assistencialistas que também são prementes na Maré.

e deveres dos cidadãos, incide no modo de relação entre as pessoas, na violência e segregação que vive aquela gigantesca “minoría”.

Dessa forma, o Digai busca delimitar através da segregação⁸ pessoal de cada um o mal-estar que advém da interseção entre o coletivo e o sujeito - operação esta, que impreterivelmente, pelo caráter de nossa pesquisa, tentamos circunscrever em grupo.

6.2

Por que não o grupo?

Podemos listar uma série de dificuldades que uma empreitada como o Digai-Maré oferece, algumas já referenciadas anteriormente. Todas elas, de alguma maneira, são conseqüências da reinvenção da práxis da psicanálise, o que não significa abrir mão da sua teoria, como veremos a seguir.

A técnica psicanalítica nunca foi àquela prescrita pela teoria, haja vista os fracassos de Freud, que sempre retornaram em sua obra como ponto de partida para os seus ensinamentos. A psicanálise é uma proposição permeável pela práxis e pelas circunstâncias temporais. Mesmo com *recomendações* técnicas importantes, sua aplicação atualmente não é a mesma de outrora; os tempos são outros. A prática psicanalítica há muito não é restrita ao atendimento *standart* oferecido nos consultórios. Laurent define de “analista cidadão” aquele que sensível ao seu tempo dispôs-se a reinventar sua práxis.

Os analistas têm que passar da posição de analista como especialista da desidentificação à de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que tem esse termo na teoria moderna da democracia. Os analistas precisam entender que há uma comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia, mas entendê-lo de verdade! Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora. (Laurent, 1999, p. 13)

Foi um pouco imbuídos dessa “cidadania” que alguns psicólogos investidos pela teoria psicanalítica tomaram a decisão de se estabelecer no

⁸ GROVA, Tatiane; MACHADO, Ondina; LUTTERBACH-HOLK, Ana L. & VIEIRA, Marcus A. *Psicanálise na favela: o projeto Digai-Maré e a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro, 2008.

Complexo da Maré; uma determinação política, que ultrapassa a inferência de recolhimento dos efeitos clínicos. Nesta decisão participa o desejo de inventar, criar a prática psicanalítica a partir de uma experiência onde ela jamais estaria a priori. Entretanto, a psicanálise lida essencialmente com os restos não assimiláveis. A Maré não deixa de ser um sintoma social, expelido de um núcleo ideal.

O sintoma é a via de acesso do insuportável, pois “articula o impensável com o dizível” (Vieira, 2008, p. 35). Todos nós em última instância nos encontramos apartados do mundo, segregados. É isto que nos torna singulares e ao mesmo tempo nos causa tanto sofrimento. O mal-estar descrito por Freud é o sintoma universal, em larga escala, resultante do padecimento de ser singular, ser sujeito.

A comunidade da Maré, bem como outras comunidades do Rio de Janeiro, são exemplos macro da segregação - especialmente estas que bordeiam a cidade, na periferia, ilustram bem “as coisas” que ninguém quer ver, ou ter contato.

Holck⁹(2007, p. 20), em livro que trata das questões despertadas pelo trabalho do Digaí-Maré, chama atenção para o Rio em guerra. Uma guerra sem inimigos claros, desorganizada, sem ideais religiosos, raciais ou de classe. A bala perdida representa bem a total inconsistência do Outro. A violência rapidamente vira caso de polícia a acaba por operacionalizar a segregação da pobreza, este último primeiro significativo que adere à violência. Todo mal difuso ganha endereço fixo nas comunidades pobres, especialmente da periferia do Rio. Dessa forma o discurso policialesco é reforçado e a segurança é falsamente restabelecida - a bala perdida agora encontra seu alvo.

Como a psicanálise entra numa guerra? O analista se interessa pelas possíveis soluções ímpares, assim como também pelo destino que cada um pode encontrar para os efeitos da desordem produzida pela desconexão com o Outro, isto é, o analista toma o caso de polícia como um caso clínico. (Holck, 2007, p. 20)

Unindo o realismo de combate com a premissa do mal-estar coletivo, o grupo se torna um artifício clínico. Se um grupo consegue, mesmo que brevemente, incluir e fazer circular o que nos é mais particular, a saída para o sintoma torna-se coletiva ainda que singular. O outro como insuportável torna-se

⁹ Psicanalista membro da EBP-Rio e uma das fundadoras do Projeto Digaí-Maré.

ferramenta na dinâmica do grupo. A nossa aposta é que essa montagem possa ultrapassar o espaço clínico e adentrar todas as relações com os outros, todos os grupos que participam da vida do sujeito.

Partamos agora para a discussão de dois grupos clínicos que apesar de constarem no final do meu escrito, foram responsáveis por instigar o tema desta dissertação.

6.3

“Você vai deixar eu ir embora”¹⁰: o clínico, entre o líder e o *mais-um*

Em um dos grupos de crianças realizado no Digaí-Maré, observamos as peripécias que incorrem na formação de um pequeno coletivo. Este grupo é composto por cinco crianças¹¹, quatro meninas e um menino, Emerson. Este último freqüentara o Digaí-Maré anteriormente, participando de uma oficina. Após alguns encontros, Emerson, indaga a clínica, Denise, sobre a estranheza do trabalho que realiza na comunidade: *“Eu não entendo porque você vem aqui, vem aqui só para isso, para ficar com a gente. Fica perdendo o seu tempo e não ganha nada com isso, se fosse eu não viria.”* Ao silêncio da clínica, uma outra criança que participava do grupo responde que Denise estava ali porque era *“muito legal”* e porque *“gostava”*.

Quando Denise não responde por seu comparecimento nos encontros, rapidamente o grupo recobre esta interrogação. Afirmam que a mesma está lá por amor, afinal, é Eros o responsável pela coesão de um grupo. Não conformado, Emerson ainda insiste bastante nas perguntas que não são respondidas satisfatoriamente, ou são relançadas para o próprio por Denise. Este ato faz com que os outros participantes do grupo passem a chamá-la de jornalista criando uma brincadeira na qual suas perguntas cabem sem estranheza. Configura-se um jogo de entrevistas no qual a função de entrevistador fica restrita apenas à Denise, não circula. Emerson também quer entrevistar, mas rapidamente os outros participantes do grupo delimitam seu lugar. *“Só a Denise que pode perguntar”*

¹⁰ Caso clínico inédito cedido pela autora para a minha leitura e apreciação teórica que foi amplamente enriquecida nos espaços de discussão clínica do Digaí-Maré. Os nomes das crianças foram modificados.

¹¹ Os nomes das crianças foram modificados.

afirma assertivamente Bianca - o grupo não deve confundir sua posição com a do líder.

Denise possui um lugar privilegiado para o restante do grupo. Sua presença representa uma liderança, com cátedra diferenciada a qual ninguém mais pode exercer. Seu amor é um latifúndio dividido fraternamente e, por isso, ela não deve ceder terreno a mais para nenhum dos membros. Perante seus olhos eles devem ser iguais. Os apelos de Emerson convocam o grupo a tentar, insistentemente, salvaguardar a ascendência de Denise. Mas o esforço é em vão, pois Denise não corresponde a este designo.

As incógnitas continuam, e Emerson volta a incomodar. Respondendo à incerteza do tempo que o grupo ficaria junto afirma que este irá acabar impreterivelmente, ainda que seja pela morte da Denise. Os augúrios de Emerson anunciam a evanescência de Denise e provocam reação. Bianca, outra participante do grupo rebate: *“se ela morrer vão colocar outra pessoa em seu lugar, assim nunca vai acabar”*¹².

As constantes colocações de Emerson incomodam o grupo. Emerson encarna a fenda desta malha grupal. Para ele, Denise não é uma presença maciça, mas sim um corpo para quem dirige suas perguntas, sua estranheza, seu mal-estar. Nos próximos encontros, é sempre repreendido numa tentativa do grupo de marginalizá-lo. Mesmo assim, o menino na maior parte das vezes, ignora os ataques, que partem preferencialmente de Bianca.

Em um episódio fatídico, a menina conta que vai a uma festa gay com seus pais. Emerson então pergunta para a mesma se o seu pai é “boilola”, e continua afirmando que o pai dele jamais freqüentaria ou o deixaria ir numa festa de “boiola”. Bianca se incomoda e exige uma retratação que não chega. A esta falta vem a retaliação. A menina murmura “ele é negro”; outra criança complementa *“ele não é negro, é preto”*. Emerson responde: *“eu não sou nada disso, sou moreno.”* Observando a perpetuação da nomeação, Denise pergunta qual é o problema de ser negro; e os participantes respondem que não há problema nenhum. Mas a mensagem já tinha chegado ao seu destino. Bianca continua a chamar Emerson de negro como represália, chamamento este que o faz calar.

¹² É porque o Pai onipotente morre que outro pode tentar ascender ao seu lugar. Os liderem representam metonimicamente esta tentativa.

Uma vez que Denise não responde do lugar de liderança a grupo ensaia uma outra saída para sua coesão. O grupo agora se une não mais por amor à Denise, mas por um ódio dirigido à Emerson¹³.

Na semana seguinte Emerson diz que não tem nada para fazer no grupo e avisa que vai embora. Denise pergunta se ele **quer** ir embora; e Anderson espantado com o livre arbítrio consentido por Denise, a repreende: “*Por quê? Você vai deixar?*” Entre a cruz e a caldeirinha, Emerson que outrora assegurava que Denise não estava ali por amor, apela para Eros. Quando a clínica afirma que “*a escolha de partir é dele*” sua profecia surge. Posterior a esta fala, as outras crianças do grupo rebatem em coro “*Deixa ele ir embora, Tia*”. Na falta de Eros, a presença de Tânato ecoa¹⁴.

O que assusta Bianca e as outras crianças do grupo? Será a possibilidade de lidar com o insuportável? O que é insuportável em Emerson? Talvez este último tenha encarnado justamente aquilo que na massa freudiana é inadmissível. Emerson não foi cerzido à malha que torna o grupo uma “coesão”, e por isso, ele não volta mais. Nas semanas seguintes apenas ronda a casa do Digai-Maré no horário em que o grupo acontece. Durante o encontro assobia fazendo com que os outros participantes do grupo notem sua presença, ainda que fora da casa. As crianças comentam sua presença que agora é sentida pelo ruído ouvido de fora.

Após sucessivas aparições extra-muros de Emerson, Denise o aborda perguntando por que ele não tem ido ao grupo. A resposta é fatídica: “*Eu só vou quando o grupo acabar*”. A ambiguidade na fala de Emerson aponta para o nosso problema: a dificuldade de incluir a diferença quando um grupo se reveste dos atributos da massa.

O trabalho de Denise em despir-se da liderança endereçada pelo grupo desponta a segregação como última tentativa das crianças em manterem o grupo. Tentando exercer a função do *mais-um*, Denise descompleta o grupo, causando

¹³ “[...] o amor ao chefe é duplamente necessário à formação da massa, ligando o narcisismo, encadeando os indivíduos uns aos outros, a ligando a agressividade de uns e outros, que canaliza para fora. Como lembra Freud, o ódio a uma mesma pessoa ou instituição poderia desempenhar a mesma função que a ligação positiva ao líder” (Vidal, 1984, p. 68).

¹⁴ “É difícil resistir à tentação de dar uma explicação para o nosso desamparo. Como é preciso definir quem é quem, sempre haverá um para pagar o pato e permitir que troquemos o objeto causa de angústia, inteiramente indefinido, por um objeto mais preciso, de ódio ou de temor. [...] É um modo de fazer com que o pior tenha rosto e ganhe face universal” (Vieira, 2007, p. 28).

um mal-estar necessário. O mal-estar *causado* direciona-se para Emerson. Como a massa não tolera o insuportável ele é ejetado. Entretanto sua posição no grupo já era diferente. Emerson se encontrava destacado por sua inquietação com a presença de Denise; uma presença que o descompletava.

Nos grupos do Digai-Maré apostamos na possibilidade de inclusão do mal-estar de cada um. Neste exemplo, observamos a dificuldade inerente ao nosso trabalho. O grupo se diluiu logo após a saída de Emerson. O trabalho de Denise como *mais-um* não promoveu e enlace pela singularidade. Porém o fracasso aqui ilustrado pela aposta em descompletar não é restrito ao nosso dispositivo. Bem sabemos que também uma análise *standart* requer suportar o insuportável, o que frequentemente impede o retorno do analisando.

Este relato nos remete ao problema lógico da utilização do grupo clínico inspirado na psicanálise. No exemplo, a lógica “todos são iguais”, lema coesor do grupo não é sustentado quando o desassossego de cada um é admitido.

Emerson era o único diferente do grupo, e por isso, não foi possível fazer da exceção um ponto de identificação horizontal. Ângela Negreiros e Sandra Viola, em *Psicanálise na Favela, Projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos*, nos lembram que a exclusão é uma forma de lidar com o indizível. É inevitável que, num grupo de coordenadas psicanalíticas, o inefável advenha, mas como fazê-lo circular para que não se torne insuportável? E ainda, o indizível cabe no grupo? Negreiros, nos conduz para uma possível resposta. Para tanto, afirma que o líder no grupo deve ser funcional, a ele cabe apenas operacionalizar a tarefa. Nos grupos do Digai-Maré a tarefa é a fala, ou o brincar. É este o “trabalho” de cada um e compete ao o clínico promovê-lo sem recorrer à dependência amorosa. Entretanto, como agir para que na falta do caudilho e de Eros outra operação mantenha o grupo?

6.4

Um resto a se incluir no grupo: o clínico, a tarefa e o produto¹⁵

Em outro grupo de crianças do Digaí-Maré, formado por quatro participantes¹⁶ *mais* o clínico, observamos uma dinâmica um pouco diferente daquela abordada no grupo anterior e que nos ajudará na problemática apresentada no caso acima. Anderson, Jonas, Carlos e Ricardo têm entre 6 e 11 anos e chegam ao atendimento com demandas bastante diferentes. Aqui vamos nos deter especialmente ao primeiro Anderson, o *mais* velho e ao Ricardo, o *mais* novo.

Na dinâmica que se estabelece no grupo, Anderson faz as vezes de sabichão, aquele que possui explicação para tudo, não deixando brecha para nada que esteja fora do sentido. Responde todas as perguntas que para a maioria das crianças não tem resposta, explica o medo e os sentimentos aflitivos. Em contrapartida Ricardo é gago. Entre o som e o silêncio, ele descompleta as palavras. Tal sintoma reverbera em Anderson que finaliza as sílabas de Ricardo inferindo aí um saber sobre o pretense dizer deste último.

Na gagueira observamos a impossibilidade da palavra falada inteira sonoramente. A palavra parece ter um peso concreto que impede sua pronúncia. A tentativa de falar aí não produz restos, pois não se completa. Moraes (2007) refere o titubear do gago ao impasse do neurótico obsessivo que tenta impedir que o seu desejo se revele.

Lacan tomou a voz como um dos objetos parciais na série representativa do objeto *a*¹⁷ (Lacan, 1962-63). Sabemos que junto com o olhar, a voz possui lugar privilegiado na transmissão da linguagem, herança do Outro. Ambos restituem ao sujeito sua posição assujeitada. Ao mesmo tempo impõe a dimensão da alteridade destinada à todo ser que fora marcado pela linguagem.

Podemos dizer com Lacan que a fala como operadora da linguagem é uma tentativa de dizer alguma coisa, de unir o significante ao significado. É a frustração dessa operação que nos conduz à insistência de continuar falando. Por

¹⁵ Este caso é resultado da minha leitura de um texto inédito produzido durante a oficina de escrita, grupo de construção teórica de textos a partir da experiência do Digaí-Maré.

¹⁶ Os nomes dos participantes foram modificados.

¹⁷ O conceito de objeto *a* nomeia aquilo que cai da operação que funda o sujeito. Encarna o objeto que completaria a falta que encerra o sujeito, um objeto que não existe (Cf. Lacan, 1964).

isso falar exige que o desejo seja posto em cena, o que ocasionalmente permite o tropeço da palavra no desejo. Haja vista os atos falhos, chistes etc.

Observamos que a operação de identificação pelo olhar, descrita no estágio do espelho, deixa um resto não significável. Tal como o espelho repercuti a falta do Outro, e, portanto, a do sujeito; a voz no silêncio ecoa a insuficiência do Outro, que não sabe, perguntando: *O que queres?* (Cf. Assoun, 1999, p. 103-107).

A fala enquanto instância articuladora da linguagem também expõe um resto estranho e difícil de ser incorporado, que pode materializar-se na voz. Quem já não ouviu a sua própria voz gravada e teve a nítida sensação de era outro que falava, um estranhamento consigo mesmo. Lourenço Ástua Moraes¹⁸ referindo-se a Miller (1994), afirma que a voz “é aquilo que do significante não concorre ao efeito de significação” (Moraes, 2008, p. 108). Ou seja, na fala, a tentativa de articular os significantes produzindo significado deixa cair na hiância entre S1 e S2, um resto que se materializa num som – a voz como objeto *a*.

Daí a impossibilidade de Ricardo em completar um significante, dizê-lo por inteiro. Esta operação pode denunciar a fenda que subiste na articulação entre dois significantes, delatando aí o desejo, o sujeito e o resto.

Retornando a este grupo do Digai, sua proposição de tarefa comum é o trabalho com massinha. A produção de Anderson é em série. Ele constrói bonecos inspirados nos pokémons, “oitenta por cento iguais aos do desenho”. Cada boneco possui uma história que é narrada por Emerson durante a construção. Essa história longe de ser uma narrativa de devaneios fantasiosos é um saber “quase científico” que ele reproduz tal como ouve no desenho animado. Uma das peculiaridades dos bonecos bem como dos personagens do desenho é o fato deles não possuírem diferença sexual. Os bonecos não possuem sexo. Eles nascem de ovos que aparentemente não possuem precedência.

Anderson assim como Ricardo também tenta escamotear o desejo, tal como o desenho conta, a diferença sexual, que se revela na ausência do Outro. As respostas e saberes do primeiro proliferam como tentativas de cerzir o Outro. Não saber neste caso denuncia sua condição *não-todo* e, portanto de um Outro barrado.

¹⁸ Psicanalista que participa intensamente do trabalho do Digai-Maré e possui estudo sobre a gagueira.

Anderson não brinca com os bonecos e nem deixa os outros brincarem; realiza uma linha de montagem que pouco deixa espaço para criação. Isto porque suas pequenas obras devem ser “quase iguais” ao desenho. Na moldagem de Anderson, cada parte do corpo dos bonecos é prevista, é antecipada pelo seu par pokémon.

O excesso de bonecos construídos por Anderson ganha estatuto de “sobra” permitindo que as outras crianças brinquem e manejem os símiles dos pokémons. Os bonecos “velhos”, já um pouco desgastados com o tempo, ganham um novo lugar na brincadeira. A linha de montagem de Anderson não inclui a matéria já utilizada, os bonecos “capengas”. Pelo contrário, estes são relegados, pois são velhos e incompletos. A criação de um hospital para os bonecos permite que um resto apareça, e ainda que ele seja transformado e incluído pelo manuseio de outros.

A partir daí Ricardo passa a manipular os bonecos e transformá-los. Ele refaz seus corpos pela sua desmontagem e montagem. O boneco que não tem braço ganha uma perna no lugar. E assim ele vai aproveitando os restos para fazer um boneco inteiro, ainda que “bizarro”. Dessa forma reconstitui os bonecos com os membros de outros bonecos, fazendo aí sua própria criação. Os bonecos mancos de Ricardo arrancam risos do grupo que se diverte. Anderson considera os bonecos de enxertos inutilizáveis. Entretanto o resto de Anderson vira produto nas mãos de Ricardo que joga descompletando para completar e vice-versa. A identificação de Anderson como aquele que sabe *tudo* sobre os bonecos ganha furo. Agora é Ricardo quem conclui, completa, arrematando os bonecos com seu artesanato. Alguns bonecos vão para o cemitério indicando aí que o produto-resto é reintegrado até certo ponto e que seu destino último é a morte.

Aos poucos Anderson para de completar as palavras de Ricardo. Este último arremata os bonecos incompletos do primeiro com outros pedaços de massinha que não necessariamente correspondem as partes que faltam. O grupo se diverte com a solução de Ricardo. O saber do mestre dá lugar ao saber fazer que fascina o grupo.

A massinha, como tarefa de todos, substitui, a princípio a necessidade de um líder que una o grupo. Todos ali estão trabalhando, inclusive a clínica que também executa a tarefa. Sua função é sutil e não recorre apressadamente ao discurso analítico. Seu papel é permitir que os produtos circulem. Dessa forma o

saber não fica parado nas mãos de ninguém. Aqui a função do *mais-um* encontrou um norte clínico. A possibilidade de circulação dos produtos facilitada pela clínica possibilita que Ricardo faça os *seus* bonecos e *fale* do seu próprio jeito, dando lugar ao mesmo tempo para o desejo e o resto.

A ação da clínica como *mais-um* surte efeito também em Anderson que encontra uma brecha para dizer das coisas que não se explicam. Fala do medo e da vergonha que não se extinguem diante do seu saber. Agora Anderson passa a falar das suas angústias, remetê-las ao grupo.

Ricardo deixa o grupo, sem gaguejar e Anderson inicia um novo trabalho a partir agora do seu não-saber.